

1^a Parte

Estudios

Momentos de Leitura

J. C. Alencar Araripe

- PERMANÊNCIA DO PE. CÍCERO -

Padre Cícero é um tema inesgotável. Em 1984, no cinquentenário da sua morte, relacionei 55 livros envolvendo o celebrado sacerdote. Em 1994, no sesquicentenário do seu nascimento, o meu trabalho, que tinha outros enfoques, foi divulgado na revista “Memorial”, com os dados atualizados, na parte bibliográfica, por iniciativa do professor Antônio Renato Soares de Casimiro. Entre livros e publicações diversas, 150, ao todo.

Opulenta, a literatura inspirada no padre Cícero Romão Batista, sua vida e sua obra, Juazeiro do Norte e a extraordinária evolução que alcançou, o problema do cangaceirismo e do fanatismo religioso, sobretudo no Nordeste.

Creio que, entre as minhas primeiras cogitações, no mundo das letras, foi elaborar uma biografia do padre Cícero. Conhecera-o menino ainda. O juiz Juvêncio Santana e sua mulher Beatriz eram meus padrinhos; ele, de Crisma; ela, sobrinha de minha mãe, de Batismo. Vizinhos do padre Cícero, havendo comunicação direta entre as duas residências, está explicada a facilidade com que chegava à presença do reverendo, numa das vezes para consulta com médico oftalmologista que viera operá-lo. Eu era estrábico, e como era! O doutor tranqüilizou os meus pais aflitos: com o tempo, dar-se-ia a correção. E foi assim mesmo, graças a Deus, e para ventura das garotas, que não sabiam para quem eu estava olhando...

Uma coisa puxa outra, e a gente quase se perde. Falava do projeto biográfico. Era isso mesmo. Em quantas ocasiões não presenciei a benção que ele dava à romeirada todo santo dia? Seminaria no Crato, compartilhei das apreensões diante da gravidade do seu estado de saúde. Como controlar o imenso rebanho sem o pastor de tanta ascendência? Da sala de leitura, na véspera da morte,

que ocorreu há 20 de julho de 1934, de quando em vez estendia o olhar na direção das luzes que indicavam Juazeiro, como a indagar: que será?

Meu pai era acolhido pelo padre Cícero com manifestações de simpatia e apreço. Vim a saber mais tarde de ligações familiares: a primeira mulher de meu pai, de nome Matilde, era prima do padre Cícero. Por isso, o casal veio a Fortaleza assistir à ordenação do parente, que teve no mano Antônio de Alencar Araripe advogado em várias e importantes causas.

Perguntei, certa feita, a Beatriz Santana se não tinha anotações relativas a acontecimentos tumultuosos em que se vira envolvido padre Cícero. Foi ao seu quarto e de volta entregou-me um livro em que estavam transcritos, à mão, vários documentos. Antes de inteirar-me do seu conteúdo, procurei conhecer a bibliografia do patriarca de Juazeiro. Era tão vasta que logo me convenci de que não valia a pena envolver-me em assunto já tão explorado. Identificara, ademais, no documentário doado pela minha madrinha peças que lera algures. Que haveria de recolher de novidade? Foi o meu lamentável equívoco. Faltou-me disposição para a pesquisa, sempre tão gratificante, e engenhosidade para armar um projeto em que trabalhasse com espírito criativo.

Quantos livros não surgiram depois da minha deserção? O surto publicitário não tem fim, porque, como afirmei noutra oportunidade, é fato notório a permanência do padre Cícero como centro de curiosidade e devoção.

- CONFIDÊNCIAS E CONSELHOS -

“Dossiê confidencial” é, provavelmente, o último livro editado sobre o padre Cícero. Foi organizado por Generosa Alencar e Fátima Menezes e encerra telegramas recebidos e enviados pelo sacerdote no período de 1923 a 1934. Passaram 61 anos num baú de madeira conservado por Generosa Alencar, uma das órfãs criadas na casa do padre e que hoje tem 82 anos. É professora aposentada.

Os telegramas, por ordem do padre, eram copiados pelo telegrafista de Juazeiro, Pelúcio Correia de Macedo, que por isso mesmo chegou a ser punido. O jornalista Vandech Santiago, em

correspondência do Recife para a “Folha de S. Paulo”, dá-nos a conhecer o texto de alguns despachos telegráficos, tal como foram escritos.

É um acervo curiosíssimo. Invocavam-se as luzes e os conselhos do padre a pretextos os mais variados: “Devo vender a produção ou aguardar melhor preço?” - “Peço meu querido padrinho fazer meu sogro abandonar uma mulher com quem vive amancebado maltratando jurando matar filhos e família”. - “Comunico-vos José Saldanha sustenta não casar comigo. Peço providências. Ele tem recursos poderá adotar-me, espero meu padrinho fará tudo por mim.” - “Peço remédio congestão repentina prisão de ventre estado mau.” - “Votem chapa Dr. Júlio Prestes - Vital Soares”, afirmava aos que o consultavam em 1930, nas proximidades das eleições presidenciais.

“A parte mais interessante dos telegramas do padre Cícero, ressalta o jornalista Vandech Santiago, é aquela em que ele aparece respondendo às pessoas simples, que pediam conselhos de todo tipo. Nas respostas aparece um padre Cícero sensato, sem nenhum traço de fanatismo.”

“Em uma das mensagens, uma mãe lhe escreve querendo saber se o filho pode casar com a prima. Diz o padre: ‘Ambos sendo solteiros, pais querendo, tirando dispensa (permissão), podem casar’”.

“Um fazendeiro de Caruaru, José Santana, lhe escreve em 1931: ‘Entrego o que tenho ou possuo a Vossa Reverendíssima, me acho aperriado (sic), tenho vontade de seguir esta semana’. Padre Cícero responde: ‘Tenha paciência aí, vá trabalhando. Deus o ajuda’”.

“Em 1932, Antônio Tiburtino, de Pernambuco, lhe manda telegrama afirmando que tem ‘um caroço na barriga, lado direito’ e que sofre ‘muita quentura no estômago’. ‘Espermente (sic) remédio de vermes’, recomenda.”

Anotem: mais um livro sobre o padre Cícero não tarda a aparecer. Agora mesmo, em Altinho, no interior de Pernambuco, desenvolve-se uma campanha em favor da preservação da natureza. A que se apegam os seus promotores? Nas máximas do padre Cícero impressas em cinco mil cartazes. É o que já se apelida de decálogo ambientalista. “Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau”. Um outro mandamento é este: “Plante cada dia pelo menos um pé

de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só”.

Não tenho dúvida: vai tomar fôlego o padre Cícero ambientalista. Vestem-no em roupa moderna de ampla ressonância.

- LUFADA DE UFANISMO -

Não direi que seja um livro execrado; mas tem sido, sem dúvida, um dos mais ridicularizados. “Por que me ufano do meu país” foi levado até na troça. Deu-se sentido político pejorativo a um vocábulo - ufanismo - cujo significado é a exaltação exagerada do que fizemos ou possuímos.

A obra do Conde de Afonso Celso, com mais de cem anos, é alvo de clamorosa injustiça. Que encerra “Por que me ufano do meu país”? O louvor ao céu, à terra, ao mar, aos rios, à flora, à fauna, todos cheios de encantos mil; exulta diante das instituições políticas, feitos militares, conquistas diplomáticas, campanhas patrióticas; enfim, tudo se fez, na opinião do escritor, com acerto e nobreza, de forma que o Brasil, pelo seu tamanho territorial, pelas suas riquezas, pela conduta moral entre as nações, está fadado a destino glorioso.

Conheço de Gilberto Freyre o que escreveu sobre Olinda, um “guia prático, histórico e sentimental”, que se lê com agrado e curiosidade. É um riquíssimo repositório de informações sobre o passado e o presente da cidade, com ilustrações iconográficas de M. Bandeira. Nem do vento Gilberto Freyre se esqueceu..., mas ninguém se lembra de identificá-lo com ufanismo.

Os governantes, em todos os níveis, são ufanistas renitentes; vivem a proclamar as excelências da administração que comandam; a insistência com que decantam suas obras tem, a partir de certo momento, efeito negativo pela repetição cansativa. O nome da moda é estratégia de marketing.

A publicidade sustenta-se da projeção promocional de entidades, pessoas, produtos agrícolas, industriais e artesanais. De qualquer coisa com valor comercial. A publicidade não fala mal de nada. Mostra somente o lado bom e proveitoso. É ou não ufanismo?

Uma das atividades contemporâneas mais rendosas é o turismo, que tomou impulso descomunal nos últimos anos em todos os

continentes. Uns ostentam velharias gloriosas, diante das quais multidões prestam o tributo da sua admiração; outros apelam para os feitiços naturais, como o Nordeste brasileiro com suas praias sem fim e de sol que tosta e embeleza a pele.

Fatores diversos concorrem para a explosão turística; facilidade de transporte, propaganda que acende desejos, organização empresarial para esse fim voltada, melhoria das condições econômicas e sociais de parcelas cada vez mais numerosas da população. Não se implementa turismo sem ufanismo. Marketing é eufemismo.

Como foi injustiçado o Conde de Afonso Celso! Claro que ele não teve intuição profética. Não imaginou que estava abrindo clareiras, mas representou, sem o querer ou pretender, o papel do precursor, ao qual veria juntar-se, mais de cem anos depois, no tocante à sublimação da natureza e suas imensas possibilidades, uma figura com o carisma de Darcy Ribeiro.

Eis uma das páginas mais enlevantes de ufanismo que já li. Publicou-a a "Folha de S. Paulo". É uma síntese acabada de louvamento ao Brasil e seu povo. Expõe o potencial de extraordinárias dimensões que detemos e que apontam para o florescimento de "uma civilização bela, próspera e solidária". Ele só não teve contemplação com a classe dominante, que considerava atrasada e medíocre.

Vejo o Brasil com o maior entusiasmo, dizia Darcy Ribeiro. E é assim que ele se comportava estivesse na trama invejável de rios navegáveis; em regiões ecológicas diversificadas; na Amazônia da biodiversidade - o "Jardim da Terra"; no grande celeiro do Centro-Oeste; no Nordeste transformado em gigantesco Israel, em "Jardim da Promissão", pelas águas do Velho Chico, pelos açudes e pelos veios de água subterrânea; no Nordeste ainda, bafejado pelo turismo, e em cuja orla marítima não se precisa ficar de pé para tomar banho de sol como se verifica nas superlotadas praias de Portugal e da Espanha...

Uma lufada de ufanismo sem máscara.

- MATRIZ DE BRAVOS -

É bom quando aparece um livro assim como "Matriz de bravos", da escritora Luciana Barbosa Nobre, porque nos leva de volta

aos tempos do desbravamento e do pioneirismo, da conquista e da fixação, fazendas que se instalam e famílias que se formam, e em derredor das quais se constrói a cidade do futuro. De repente, a gente vai se enredando em cenários bucólicos que alguns de nós viveram, arrozais a perder de vista, o milharal viçoso, as espigas com estigmas tão longos que lembram fios de cabelos, como diz o Aurélio, canaviais farfalhantes, o engenho de rapadura e cachaça, o paciente puxa-puxa do alfenim, o leite ao pé da vaca, ao amanhecer ou no fim do dia, o alpendre da casa grande onde se dorme à tarde e onde se ouve, quando a noite desce, estórias de valentia e de assombração também.

Desculpem-me esse transbordamento de saudosismo. Não é só por questão de idade. Nas páginas introdutórias de “Matriz de bravos”, deparo-me com fazendas que Leonel de Alencar Rego implantou com seus irmãos e que se tornaram centros florescentes de atividade econômica. A primeira foi “Várzea Grande”, a seguir, surgiram “Carnaúba”, “Colônia”, “Tabocas”, “Caiçara”. A família Alencar consolidava a sua presença em terras de Pernambuco e do Ceará. A fertilidade do Cariri cearense era penhor de prosperidade. Não tardaria que essa condição se traduzisse em prestígio político.

A família Alencar pagou caro pelo seu envolvimento na vida partidária de então. A sua proeminência despertava inveja e despeito. Por isso mesmo, não escaparia à calúnia.

A participação ostensiva em duas revoluções de cunho liberal trariam ao clã Alencar sofrimentos atroz. Conspirar contra o rei era crime de lesa-majestade. Em decorrência do movimento de 17, curtiram prisão e encarceramento; em 24, quase era de toda eliminada, tal a ferocidade dos contra-revolucionários.

Em “Matriz de bravos”, a escritora Luciana Barbosa Nobre, se nos conduz de volta à fazenda, envolvendo-nos num halo de suaves recordações, projeta, por igual, figuras que conquistaram o direito ao reconhecimento da posteridade e que desfrutariam, com certeza, mais realce se tivessem atuado em outras paragens que não este Nordeste agreste e esquecido.

“Romanceiro de Bárbara” é um livro do poeta Caetano Ximenes Aragão, poema de extraordinária beleza e força telúrica, em que os heróis de 17 e 24 recebem a coroa de louros da imortalidade. Em

posfácio, Ximenes diz que Bárbara é enaltecida somente na cidade do Crato.

Bárbara de Alencar, a primeira mulher prisioneira política do Brasil, a primeira mulher republicana, teria sobrevivido como heroína municipal. Mas, mesmo no Crato, não souberam conservar a casa que ela edificou e cuja parede de frente foi a primeira construção de pedra e cal levantada na vila que se chamaria depois Princesa do Cariri.

A politicalha ergueu barreiras em torno da heroína. Conta-se que, certa vez, em campanha eleitoral, chegou ao Crato o candidato do PSD ao Governo do Estado. Antes do comício, tentou inteirar-se de certas particularidades da histórica cidade, citando, então, a mulher revolucionária de 17. Um correligionário logo interrompeu a conversa para observar:

- Aqui no Crato, D. Bárbara é da UDN.

Sim, os descendentes da “Matriz de bravos” levantavam o estandarte do Partido do Brigadeiro. Houvesse nesta terra espírito de cidadania não se iria atrás de diferenças partidárias para negar culto aos que defenderam a independência e a liberdade ante a truculência real e sacrificaram a própria vida, como o intrépido Tristão, no pandemônio da revolta contra o absolutismo.

José de Alencar, num primor de romance-poema, criou personagem lendária com a qual é identificada, pelo Brasil afora, a nossa própria terra-berço. Inspirada, a iniciativa de lançar “Matriz de bravos” na decantada Praia de Iracema, tão gostosa e envolvente nas suas ruas estreitas e esplendorosa nos atavios da modernidade.

Saudamos com afetividade a escritora Luciana Barbosa Nobre, autora de vários outros livros, acreana mas filha de cearense, casada com um nosso conterrâneo de ilustração, Francisco Silva Nobre, Presidente da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, e que compartilha com a digna consorte as glórias acadêmicas. (1996)

- REPÚBLICA DE ESCRITORES -

“Saltos no tempo” representa a concretização de projeto que alentava com muito carinho. Reúno nesse livro depoimentos so-

bre obras que me sensibilizaram e sobre as quais me manifestei com gosto, com disposição, ou aquela vontade de libertar-me que já pesava na consciência. Destoiévski não entendia que escrever é afastar fantasmas?

Entre os meus defeitos não está o de ser pretensioso. Por minha conta e risco, não me insinuaria crítico literário. Porque, no mínimo, seria um gesto de pabulagem. Sempre tive presente a advertência do escritor Osman Lins: “Nenhuma, entre as artes conhecidas, exige do apreciador mais que a literatura. Todas, para serem retamente julgadas, implicam certa preparação, informes sobre história da arte e evolução dos estilos, experiências anteriores, sensibilidade exercitada, noção dos cânones. Tais obras, porém, se oferecem; não solicitam, de público, um pacto dinâmico. Contemplar uma escultura, um vitral, um afresco, ouvir um concerto são atos bem mais simples e menos exigentes do que a leitura de um livro, essa viagem não realizável, inclusive, sem um determinado grau de concentração”.

Se a crítica não está entre as minhas atividades, confesso, com sinceridade, que gosto de discorrer sobre livros, realçar particularidades, enlear-me na trama urdida, deleitar-me na crônica saborosa, penetrar nos desvãos da história. Já houve quem dissesse que a leitura é um banho de juventude e aqueles que a negligenciam depressa envelhecem.

O acadêmico F. S. Nascimento, uma autoridade na matéria, afirma que não é preciso o malabarismo do amigo para ressaltar no autor de “Saltos no tempo” qualidades de analista na avaliação de leituras e a percepção de usos da estética na obra literária. É uma opinião que conforta e estimula.

Nestes dias em que tanto se fala sobre formas e sistemas de governo, contentar-me-ia em admitir que “Saltos no tempo” seria, em sentido figurado, também uma república. Sim, uma república de autores. Com efeito, na minha companhia, o leitor convive com Euclides da Cunha, Axel Munthe, Jorge Amado, José Lins do Rego, Josué Montello, Eduardo Prado, Mário Vargas Llosa, T. E. Lawrence e A. J. Cronin. A incursão pela prata de casa leva, entre outros, a Jáder de Carvalho, Fran Martins, padre Antônio Vieira, Milton Dias, Eduardo Campos, Carlos D’Alge, Heitor Faria Guilherme, Cid Sabóia de Carvalho, Sadoc de Araújo, Geraldo Nobre, Dom Antônio de

Almeida Lustosa, João Alfredo Montenegro e Sinfrônio de Sousa Lima Neto, ou simplesmente Sinfrônio, o chargista.

Em meio a tão rica seleção de valores, com vários dos quais, felizmente, cruzamos ainda pelos caminhos da vida, há aqueles já silenciados pela morte e cujo enfoque, nas páginas de "Saltos no tempo", é mais do que uma homenagem pessoal. É a lembrança de imagens duradouras da mensagem que nos legaram na comunhão dos livros. (1993)

- MATREIRICE DE GETÚLIO -

O "Diário", de Getúlio Vargas, abrangendo o período de 3 de outubro de 1930 a 27 de setembro de 1942, haveria de ser, como tem sido, um sucesso. Dirigente do Brasil, como ditador absoluto ou presidente constitucional, durante mais de 17 anos, seus registros do cotidiano, até agora conservados em segredo, encerram natural curiosidade, pelos fatos pequeninos que reporta como pelas revelações de significado histórico.

Getúlio findou os seus dias suicidando-se. Não conheço a íntegra do "Diário". Mas, pelo que foi divulgado na imprensa, a idéia da morte violenta não se dissociava das suas preocupações nos albores da Revolução de 30. "A minha sorte não interessa e sim a responsabilidade de um ato que decide o destino da coletividade. Não terei depois uma grande decepção? E se perdermos? Eu serei depois apontado como responsável, por despeito, por ambição, quem sabe? Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso". Dois dias depois, a 5 de outubro de 1930, Getúlio anotava: "A Revolução está triunfante. Começo a fazer meus preparativos a fim de seguir para o teatro de operações, no Paraná. Desejo fazê-lo, porque é o meu dever, decidido a não regressar vivo ao Rio Grande do Sul, se não for vencedor". Já se vê que Getúlio não admitia perder.

Quando me debrucei sobre o "Diário" de Getúlio era para enfocar o delírio amoroso do ditador. Porque esse não se tornara público. Mas existira, dominante, avassalador. Custa acreditar.

"Um homem, no declínio da vida, sente-se, num acontecimento desses, como banhado por um raio de sol, despertando energias

novas e uma confiança maior para enfrentar o que está por vir. Será que o destino, pela mão de Deus, não me reservará um castigo pela ventura deste dia?”

A perspectiva de tragédia não se afasta de Getúlio. Inquieta-se, assaltava-o forte preocupação. A presença da mulher amada “despertou um sentimento mais forte do que eu poderia esperar”. Tinha consciência, porém, de que estava dando um passo arriscado.

Em vilegiatura em Poços de Caldas, às 6 horas já está de pé para ir ao encontro amoroso em plena floresta. “Para que um homem da minha idade (55 anos) e da minha posição corresse esse risco, seria preciso que um sentimento muito forte o impelisse”. E, a seguir: “Regressei, feliz e satisfeito, ela valia esse risco e até maiores”.

Getúlio delirava. Para traduzir a paixão que o avassalava, repetia a expressão “sentimento muito forte”. Sentia-se encorajado para trabalhar e produzir. Mas não escondia que pairava “uma ameaça de temporal que pode desabar a cada instante”.

Quem era essa deusa que enfeitiçou Getúlio? Tivera em sua vida várias mulheres, na suposição de observadores. No seu “Diário”, pelo menos na parte transcrita na imprensa, não se justifica a conjectura. Aventa-se a hipótese de que a “bem-amada”, bonita e elegante, chamava-se Aimée Souto Mayor Sá, paranaense que foi casada com Luís Simões Lopes, chefe do gabinete de Getúlio e depois diretor do Departamento Administrativo do Serviço Público. Se foi Aimée, seu nome não aparece no “Diário” nessa condição.

A matreirice de Getúlio manifestou-se também no terreno do amor. (1996)

- PERMANÊNCIA DE UM LIVRO -

“Os Sertões”, de Euclides da Cunha, ganha uma nova tradução no francês. Desta vez, guardando respeito às singularidades do estilo do escritor, o que exigiu dos encarregados do trabalho um esforço inaudito, tanto que nele se empenharam durante cinco anos, quando Euclides não passou de quatro no processo de elaboração.

Roberto Ventura, da “Folha de São Paulo”, é quem nos dá a notícia. Foram autores da proeza um brasileiro, Jorge Coli, e um francês, Antoine Seel. Ao anunciado, seguiram-se estudos críticos e interpretativos do livro que é qualificado de infernal.

Assim ocorre com os grandes escritores; não é outro o destino das obras que sobrevivem à poeira do tempo. Volta e meia, ressurgem como a fênix; projetam-lhes sortilégios; descobrem-lhe novos feitiços; aprofundam-lhe a exegese.

O primeiro capítulo de "Saltos no tempo", que lancei recentemente, é dedicado a Euclides da Cunha. E o prefaciador, acadêmico F. S. Nascimento, dá-lhe especial relevo. Sobretudo, porque não me restrinjo ao enfoque de "Os Sertões", detendo-me também em outras criações de gênio euclidiano.

Para mim, esse procedimento contribui para melhor compreensão de Euclides da Cunha, que não é escritor de um livro único, e de "Os Sertões", realmente um monumento literário, erigido em torno do drama de Canudos.

O Euclides de outros temas merece igualmente ser conhecido. Porque ele deita luz sobre acontecimentos e personalidades, reformula colocações, modifica posições, vê entre as brumas do futuro e lança profecias que se confirmaram na realidade de hoje.

Euclides e "Os Sertões" têm permanência garantida na literatura do Brasil e do mundo pela sua estrutura estilística, pelas denúncias que encerra, pelos problemas desnudados, porque retrata o atraso que persiste, aqui e noutros países, em decorrência de fatores diversos, cujos componentes são os mesmos que deflagraram o que Mário Vargas Llosa chamou de "A Guerra do fim do mundo". A polêmica é, pois, natural; a discussão é inevitável, pela atualidade de Euclides da Cunha e "Os Sertões".

Com a versão francesa de agora, prevalece a corrente que projeta "Os Sertões" como obra de arte. É impróprio situá-lo dentro dos esquemas simplistas dos gêneros. Assim entende Afrânio Coutinho, que nele vê o ensaio, o drama, a ficção, até a poesia lírica. "O que sobreleva a tudo é a sua parte artística - no plano, no conteúdo trágico, na apresentação dos tipos, na movimentação interna, no estilo. O que há nele é um vasto afresco da vida sertaneja em um instante de crise dramática". (1993)

- ATUALIDADE DE ALENCAR -

Alencar, o padre rebelde, em 2ª edição, é a biografia de José Martiniano de Alencar, revolucionário, deputado geral, senador e

Presidente da Província do Ceará na Monarquia, e que outro não é senão o pai do famoso romancista José de Alencar.

Este estudo biográfico era um desafio que me enfeitava. No seio do numeroso clã alencarino, sempre se falou lisonjeiramente sobre ele pela sua movimentadíssima atividade política, iniciada com o surto revolucionário de 1817, que o levou à prisão na companhia da sua mãe, a heroína D. Bárbara, dos irmãos padre José Carlos dos Santos e Tristão Gonçalves e de parentes e amigos de infortúnio.

A sua vida parlamentar começou nas Cortes de Lisboa, logo se viu livre das masmorras da Bahia. Com a nossa independência, teve que abandonar Portugal em navio, o que fez com outros compatriotas, e refugiar-se na Inglaterra, de onde posteriormente veio para o Brasil. O Ceará elegeu-o para a primeira Constituinte.

Espírito atilado que era, o jovem deputado haveria de entender que não teria pela frente tempos bonançosos. E foi o que ocorreu. O confronto entre as idéias liberais e o autoritarismo do Imperador terminaria na dissolução da Constituinte. Alencar estava de novo na planície, onde explodiriam as bombas de retardamento do nacionalismo insatisfeito.

Alencar e a Revolução de 1824 mereceram da minha parte apreciação atenta. Tive a preocupação de colocar diante do leitor os fatos que se desenvolveram, o martírio, que emociona, de Tristão. Porque na crônica dos movimentos revolucionários do Ceará, há espaço de especial relevo para Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. A sua figura projeta-se detentora de qualidades que sensibilizam o observador, atento e descompromissado: idealismo, bravura pessoal, acendrado nacionalismo, a liberdade como apanágio da vida.

Defendeu arduamente a causa da Independência. Como lugar-tenente de Pereira Filgueiras, nomeado comandante-geral, é um dos mais diligentes e arrebatados na arregimentação das forças que iriam ao Piauí e Maranhão para libertar essas províncias do domínio português.

O regresso das tropas vitoriosas encheu de intensa vibração vilas e lugarejos por onde passavam. Filgueiras e Tristão deixaram-se contagiar do entusiasmo nacionalista e entenderam que era chegada a hora de empolgar o poder. Insurgiram-se contra a dissolução

da Constituinte pelo Imperador, apearam do governo o preposto de Pedro I para a Presidência da Província. Não demoraria que se consumasse a adesão à Confederação do Equador, bandeira da insurgência republicana desfraldada em Pernambuco.

Abraçar o nacionalismo sob o pálido imperial de Pedro I era uma coisa; exercitá-lo em desafio à coroa era outra bastante diferente e temerária. O partido português tinha peso, sobretudo econômico, os imperiais contavam maioria, o republicanismo desfalecia na hora do confronto, debandavam sem resistência muitos do que antes arrotavam valentia. Tristão é imolado em Santa Rosa. Seguem-se os fuzilamentos, no Campo da Pólvora, de envolvidos na Confederação do Equador. A repressão no interior cometeu desatinos.

Transcrevo depoimentos que ajudam a clarear o entendimento da tragédia que se abateu sobre o Ceará. A escapada de Alencar, que o levou da Chapada do Araripe à capital do Império, o Rio de Janeiro, pelo interior bravo e inóspito, é um episódio que qualifico de rocambolesco, pelas peripécias vivenciadas e pela determinação com que procurou subsistir em ambiente tão hostil pela natureza e pela ação do homem.

Alencar voltou ao cenário político logo se viu livre das acusações de implicado na Revolução de 24. E foi um retorno triunfante, eleito deputado geral pelo Ceará e por Minas Gerais. Na corte, passou a desenvolver atuação marcante, foi Presidente da Câmara dos Deputados e, nessa condição, representou papel saliente por ocasião da abdicação de Pedro I, no esforço para a manutenção da ordem e pela influência que teve na definição do regime. Pelo seu voto, a Monarquia foi salva. Veja-se a contradição; o republicano de 17 assegura a continuidade do sistema de governo que antes quisera levar à derrocada. Nassa mesma sequência de idéias, participou intensamente das confabulações em favor da Maioridade de Pedro II, como meio de estancar a turbulência que se instalara no Império. A sua casa foi centro de reuniões, do que deu testemunho, depois, o filho José de Alencar.

Durante a Regência, Alencar chega ao Senado. Numa fase de ascensão do Partido Liberal, é indicado para a presidência da sua província natal. Ia principiar fase difícil mais gloriosa da sua existência e que lhe daria excepcional proeminência histórica. Segundo

depoimentos de autorizados pesquisadores, foi um dos melhores, presidentes da Província do Ceará na Monarquia. Há quem diga que se trata do maior.

Entre as preocupações permanentes do Padre Alencar, esteve a instrução pública. Assim se enunciava à época o que hoje se convencionou chamar de educação. Da sua presença no Parlamento resultou a criação de várias cadeiras, como se conceituavam os núcleos do ensino primário de então.

Ao assumir a Presidência da Província em 1834, a segurança constituiu o problema maior com que se defrontou. Porque as famílias viviam intimidadas pelo banditismo que imperava e para o qual muito contribuiu a revolta comandada por Pinto Madeira em 1831. Abundante armamento ficou espalhado pelo interior e dele fizeram uso indevido mãos assassinas.

Vejam as curiosidades da história: 162 anos decorridos daquele período turbulento, é a segurança uma das maiores preocupações do brasileiro neste final do século. De conformidade com pesquisa recentemente realizada, somente perde para o emprego, que caiu vertiginosamente a níveis insuportáveis, intranquilizando camadas cada vez maiores da população.

Alencar combateu a violência com improvisados agentes de polícia e tropas de linhas não dando tréguas aos inimigos da ordem. Os delitos não podiam ficar impunes, insistia. Mas a sua convicção era a de que o remédio mais eficaz estaria na instrução. Com a difusão das letras seriam modificados aos poucos os costumes bárbaros e as populações contrairiam hábitos de boa convivência.

Não é outra a teoria hoje prevalente. Exige-se eficiência do aparelho policial para enfrentar o crime, que se manifesta diversificado e até acobertado por sofisticadas tecnológicas. A educação, porém, é o agente por excelência de transformação das mentalidades e correção de rumos. Sem ela não haverá salvação, hoje e amanhã.

Instrução não se faz com professores despreparados. Não se alcança capacitação no magistério com docentes mal remunerados. São colocações de Alencar, que tinha clarividência para ver realidades em que hoje ainda se insiste. Por isso, fundou a primeira escola normal no Ceará e melhorou o ordenado dos professores. Estes, no entanto, não correspondiam ao esforço empreendido, do que da-

vam mostras, enfatizava o Presidente, os erros de ortografia cometidos na elaboração dos ofícios. Hoje, infelizmente, os erros vão além da ortografia.

O livro abarca a personalidade de José Martiniano de Alencar no palco multiforme em que representou o papel de revolucionário, parlamentar, administrador e “presbítero secular do hábito de São Pedro” e que “por fragilidade humana”, confessa-o em seu testamento, teve oito filhos. O primeiro deles, o imortal cantor de Iracema, tão grande na literatura, brilhante também no jornalismo, no parlamento e nas letras jurídicas, haveria de ser, como é, presença obrigatória na biografia do pai.

Quando deixou a presidência da Província, Alencar empreendeu a volta à Corte: Ao invés de tomar o navio em Fortaleza, preferiu realizar parte da viagem por terra. Foi ao Crato, de lá atravessou Pernambuco e penetrou na Bahia para alcançar Salvador. Aí, sim, embarcaria em vapor.

Sem prever o alcance da sua deliberação, Alencar proporcionaria ao primogênito a oportunidade excepcional de conhecer sertões de três Províncias - Ceará, Pernambuco e Bahia, recordação que lhe ficou indelével e que o romancista descreveu, mais tarde, com a exuberância do seu gênio criador.

Incursiono pelo Alagadiço Novo, em que veio ao mundo José de Alencar e onde existem a casinha onde nasceu e os escombros do engenho de ferro que o seu genitor, o padre-senador, importou da França.

O sítio histórico é para ser incluído em todos os roteiros turísticos, por ter sido cenário do que foi e por tratar-se de recanto extremamente agradável. Devemos valorizar o que é nosso, principalmente, quando urgido pela consagração da posteridade, como no caso de Alencar, Pai e Filho. (1996)